

Problemas de Historiografia Helenística

**Breno Battistin Sebastiani,
Fernando Rodrigues Jr.,
Bárbara da Costa e Silva (coords.)**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A POLÊMICA DO LIVRO XII DE POLÍBIO E OS TEMPOS HISTÓRICOS

(The controversy surrounding Polybius' Book XII and the Historical Times)

DANIEL BARBO

Bolsista PNPd/CAPES do DLCV-FFLCH-USP
(ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-7434-3098>)

RESUMO: Este estudo possui dois objetivos. Primeiro, fazer um esboço da recepção do método historiográfico de Timeu no Livro 12 de Políbio a partir da conexão de dois campos teórico-metodológicos: os Estudos de Recepção Clássica e a História Intelectual. Segundo, demonstrar que a metodologia proposta por Reinhart Koselleck na esfera dos estudos da História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) e dos Tempos Históricos (*Historischer Zeiten*) reafirma e amplia consideravelmente o potencial investigativo dos métodos em pleno florescimento dos Estudos de Recepção Clássica, redimensionando o papel ativo do receptor ao abordá-lo pela perspectiva da tensão temporal (o diferencial entre *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*). Consideramos que a análise da recepção de um método historiográfico ganhará em rigor e potencial crítico se vinculada à investigação dos conceitos que cristalizam as tensões temporais que, por estarem em relação dialética com os processos culturais de um dado tempo histórico, condicionam a própria construção dos métodos historiográficos. Nesta perspectiva, pretende-se assegurar uma leitura dos métodos historiográficos de Timeu e de Políbio em função de seus futuros passados e restitui-los aos seus próprios tempos históricos, o que possibilitará uma avaliação das posições historiográficas modernas sobre o Livro 12 de Políbio e da própria 'polêmica' que elas estabeleceram.

PALAVRAS-CHAVE: Políbio; Timeu; Métodos Historiográficos; Estudos de Recepção Clássica; Reinhart Koselleck.

ABSTRACT: This study has two objectives. First, to make an outline of the reception of the historiographical method of Timaeus in Polybius' Book 12 from the connection of two theoretical-methodological fields: the Classical Reception Studies and the Intellectual History. Second, to demonstrate that the methodology proposed by Reinhart Koselleck in the sphere of studies of the History of Concepts (*Begriffsgeschichte*) and Historical Times (*Historischer Zeiten*) reaffirms and expands considerably the investigative potential of the methods in full bloom of the Classical Reception Studies, resizing the active role of the receiver when approached by the perspective of the temporal tension (the differential between space of experience and horizon of expectation). We consider that the analysis of the reception of a historiographical method will gain in rigor and critical potential if it is linked to the investigation of the concepts that crystallize the temporal tensions that, for being in a dialectical relation with the cultural processes of a given historical time, affect the very construction of the historiographical methods. In this perspective, it is intended to ensure a reading of the historiographical methods

of Timaeus and Polybius in function of their futures past and to restore them to their own historical times, which will enable an appraisal of the modern historiographical positions on Polybius' Book 12 and the very 'polemic' they have established.

KEYWORDS: Polybius; Timaeus; Historiographical Methods; Classical Reception Studies; Reinhart Koselleck.

I. INTRODUÇÃO

Políbio de Megalópolis (200-118 a.C.) foi um historiador grego da época helenística. Três elementos podem ser observados como pré-requisitos em sua metodologia da escrita da história: (i) a experiência política; (ii) a autópsia ou o conhecimento pessoal das regiões tratadas e (iii) o estudo e crítica das fontes.¹ Ele caracterizou a sua forma de escrever história como *pragmatike historia* (Plb.1.2) e *kath' holou* (universal), percebendo uma organicidade, uma conectividade, nos eventos políticos de seu tempo:

O que é peculiar à nossa obra e espantoso em nossa época é isto: assim como o acaso fez convergir quase todos os acontecimentos do mundo habitado para um único centro e fez com que tudo se voltasse para um único e mesmo objetivo, do mesmo modo é preciso levar aos leitores, pela história e sob uma única visão sinóptica (*synopsisin*), a manobra de que o acaso se serviu para realizar a interação dos fatos. Foi sobretudo isso o que nos desafiou e incitou para o projeto da história, bem como o fato de que ninguém, em nossa época, empreendeu tratar desses fatos por completo (*syntaxein*); se o tivesse, muito menor seria minha ambição nesse sentido. Ora, vendo que muitos se dedicam a guerras específicas e a alguns fatos concomitantes, mas que ninguém se pôs a examinar, ao que sabemos, a ordenação geral dos eventos – quando e onde começaram, e como terminaram (*synteleian*) –, considere absolutamente necessário não negligenciar nem deixar que passasse sem estudo a mais bela e proveitosa empresa do acaso. Pois ele, frequentemente inovador e continuamente (*synechos*) jogando com a vida humana, jamais realizou, em uma palavra, tal façanha, nem disputou um jogo como em nossa época. Assim, dos escritores de histórias parciais não é possível obter uma visão de conjunto (*synidein*), senão qualquer pessoa suporia compreender imediatamente a configuração de todo o mundo habitado, bem como seu ordenamento e disposição gerais (*sympasan*), depois de percorrer uma a uma as cidades mais ilustres ou, por Zeus, depois de vê-las destacadas em um mapa, algo de modo algum verossímil. Parece-me que padece de algo semelhante quem acredita que por meio de uma história parcial terá adequada visão de conjunto (*synopsesthai*), como se, ao ver desmembradas as partes de um corpo antes vivo e belo, pensasse ter se tornado efetivamente testemunha da vitalidade e da beleza de um ser vivo. Se alguém recompusesse

¹ Walbank 1991:16.

(*syntheis*) e reconstruísse o mesmo ser dando-lhe a forma e a aparência de um que vive, e em seguida novamente o mostrasse àquele indivíduo, penso concordaria rapidamente que antes se afastava muito da verdade e se portava como quem sonhava. Pelas partes é possível ter noção do todo, mas não ciência e juízos sólidos. Por isso deve-se considerar a história parcial totalmente superficial se comparada (*symballesthai*) ao conhecimento e à credibilidade derivados da História Universal. Apenas pela coesão (*symplokes*) e justaposição de todos os elementos em relação uns aos outros, e ainda por sua semelhança e diferença, é possível apreender a utilidade e o prazer da história após uma visão geral. (Plb.1.4)²

O plano inicial era narrar a história da conquista romana, dos princípios da Segunda Guerra Púnica (220 a.C.) à submissão da Macedônia (168 a.C.), tomando a segunda guerra contra os cartagineses como ponto de partida devido à simultaneidade de três grandes conflitos: a guerra entre Roma e Cartago, a guerra das Ligas gregas (Aqueia, Etólia e Beócia), que contava com a participação incessante de Filipe, e a guerra entre Antíoco III e Ptolomeu IV Philopator. Até esse momento, segundo Políbio, eventos de várias partes do mundo estavam desconectados, dispersos; à época da Segunda Guerra Púnica, em fins do século III a.C., no entanto, os assuntos italianos e africanos passaram a ter relação direta com os assuntos gregos e asiáticos. A história havia se tornado um todo orgânico (*somatoeide*):

A partir de então, porém, a história se tornou como que um corpo único (*somatoeide*): os fatos da Itália e da África se coligaram aos da Ásia e da Grécia, e todos convergiram para um único fim. Por isso iniciamos nossa obra por esses tempos. Na guerra mencionada, os romanos, tendo vencido os cartagineses e considerado que cumpriram o mais difícil e importante rumo ao domínio universal, então pela primeira vez se sentiram confiantes para lançar mãos ao resto do mundo e cruzar com exércitos para a Grécia e territórios da Ásia. (Plb.1.3.4-7)³

Homem de experiência política e militar no mundo romano do século II a.C., conhecedor da maior parte das regiões e dos eventos os quais eram objeto de suas pesquisas (Ele conheceu, além da Grécia, a Itália, a Sicília, a África, o Egito e a Hispânia), Políbio percebia nestas conexões universais um modo próprio de conceber a escrita de suas histórias. Sobre a sua *pragmatike historia*, ele afirma:

² Tradução de B. B. Sebastiani 2016.

³ Tradução de B. B. Sebastiani 2016.

Eu decidi escrever uma história dos eventos atuais (*pragmatikos tropos*), em primeiro lugar, porque há sempre alguma novidade neles que exige novo tratamento – uma vez que não estava em poder dos antigos narrar eventos subsequentes ao seu próprio tempo – e, em segundo lugar, devido à grande utilidade prática de tal história, tanto antigamente quanto, especialmente, nos dias de hoje, quando o progresso das artes e das ciências tem sido tão rápido que aqueles que estudam história estão, pode-se quase dizer, munidos de um método para lidar com qualquer contingência que possa surgir. Sendo o meu objetivo, portanto, não tanto entreter leitores, mas beneficiar aqueles que prestam cuidadosa atenção, desconsidere outros assuntos e fui levado a escrever este tipo de história. (Plb.9.2)

Seu *pragmatikos tropos* visava fornecer lições políticas e militares, uma história política muito semelhante à de Tucídides (Plb.1.35; Th.1.22). Entusiasmado com o modelo político romano e persuadido pelo que se denominou mais tarde de militarismo cívico⁴, Políbio preocupava-se com os impactos sociais das guerras e com as ameaças à vida civilizada. A história política de Políbio pretende demonstrar as diferenças entre causa (*aitia*), pretexto (*prophasis*) e início (*arche*) dos eventos, o que foi uma grande inovação nos limites de sua prática historiográfica:

Políbio partia da premissa de que somente a experiência pessoal forneceria os dados e o treinamento necessários para a elaboração de uma história pragmática e para sua compreensão por parte do leitor. A fim de orientar a leitura, diferenciou causas, pretextos alegados, inícios e desdobramentos (ou efeitos) como fatos afins e cronologicamente sucessivos. Restringiu tais fatos, por sua vez, a pensamentos e/ou ações humanas claramente identificáveis (3.6.6-7; 22.18). O acerto na inferência desses fatos e das relações entre eles decorreria do juízo do investigador experimentado (1.5.3-5; 3.6.7) e atento a verdade factual (1.14), fosse ele historiador e/ou leitor (12.25i.8). Tal inferência se manifestaria como entendimento da história (*ennoia*) e sucesso planejado (12.25i.8).⁵

Após a identificação das causas (12.25b.1), a investigação do historiador e o entendimento do leitor prolongariam a cadeia de inferências analógicas ao definir paradigmas (éticos ou circunstanciais) compreensíveis e úteis: “transpostas as circunstâncias semelhantes para as ocasiões apropriadas” (12.25b.3). Para ambos, o passado seria a base a partir da qual projetariam antecipações de futuro – para a escrita ou outra ação: “surtem meios e antecipações que permitem antever o que é iminente e, ora tomando precauções, ora imitando o passado, é possível enfrentar com mais confiança o que quer que sobrevenha” (12.25b.3). As antecipações

⁴ Sant’Anna 2012.

⁵ Sebastiani 2016: 33-34.

indutivas promovidas pela história pragmática se diferenciariam de outros tipos de previsão porque racionalmente prováveis e politicamente eficazes.⁶

Portanto, para Políbio, a experiência de um homem de Estado que requer a participação em assuntos políticos e militares e que proporciona a presença nas regiões e eventos dos quais se quer narrar seria o atributo fundamental para quem quer que queira escrever a história (*pragmatike historia*). Esta especial reivindicação polibiana está de acordo como a sua temática: uma narrativa política e militar dos eventos, uma narrativa que quer deixar para a posteridade a superioridade romana no embate entre as sociedades do mundo mediterrânico nos séculos III e II a.C. e a universalidade histórica que ela pressupõe.⁷

Políbio tornou-se fundamental no trabalho do historiador, a despeito do estado fragmentado de sua obra, por ser o único relato contínuo de seu tempo que nos chegou, por apresentar uma visão histórico-universal, por sua doutrina da *anakyklosis* (6.5-6), além da variedade de suas reflexões teórico-metodológicas em sua crítica a outros historiadores (por exemplo, ao mencionar Zeno e Antístenes de Rodes como dignos de comemoração por serem contemporâneos dos eventos que narram e ao condenar a tragicidade de Filarco). Tendo influenciado Montesquieu fortemente, sua importância não se limitou ao século XVIII. Ainda hoje, quando se pensa em escrever história, particularmente a história republicana romana e a de sua relação com o mundo helenístico, ou ainda, em termos mais poéticos, a grande aventura imperial conduzida por Roma nos séculos III e II, Políbio se mostra fonte indispensável e, para muitos, de rigor metodológico superior.

A sistematização das críticas de Políbio a outros historiadores permitiu a divisão de parte da historiografia helenística em (i) historiografia retórica (a exemplo de Isócrates de Atenas, Éforo de Cumas, Teopompo de Quios e Anaxímenes de Lampsaco) e (ii) historiografia trágica (a exemplo de Duris de Samos e Filarco).⁸ Uma grande parte destas críticas foi dirigida ao historiador grego Timeu de Tauromênio (350-260 a.C.).

Timeu escreveu uma história da Sicília desde as origens até 289 a.C. em 38 livros, narrou as guerras entre Pirro e Roma até 264 a.C. e redigiu uma cronologia dos vencedores olímpicos, sistematizando um novo modo de datar. Dentre os grandes historiadores até então, Timeu foi o primeiro a usar majoritariamente fontes escritas em detrimento de fontes orais ou a experiência própria. Parece ter sido o primeiro historiador de relevância que se ocupou com a narrativa da história de Roma. Mariachiara Angelucci afirma que, diferentemente dos interesses históricos de Políbio, “a historiografia de Timeu, Éforo e Teopompo

⁶ Sebastiani 2016: 34.

⁷ Baron 2009; Pédech 1964.

⁸ Walbank 1990: 34-37; Meister 2008: 193-194.

tinha um interesse pela cultura dos povos bárbaros que ia além do ponto de vista meramente político e militar e que incluía temas de história cultural muito apreciados pelo público.”⁹

Nenhuma obra de Timeu chegou a nós modernos. Temos, salvo engano, duas situações: fragmentos de suas obras em outros autores, como Diodoro Sículo (11-15), e críticas/análises de suas obras feitas por alguns autores, entre eles, Políbio, que é o autor com o maior volume de críticas negativas ao método de escrita da história de Timeu, mas também Dioniso de Halicarnasso (*Ant.Rom.*1.6; 1.74) e Longino (4). Entretanto, há autores que fizeram críticas positivas ao método de Timeu, especialmente Cícero (*De Orat.*, 2.58; *ad Fam.*5.12.2-7), mas também Diodoro Sículo (4.21-22-56; 4.59-8; 11), Aulo Gélio (2.1.1), Plutarco (*Vit.Tim.*) e Pompeu Trogo, conforme a epitome de Justino¹⁰. Ainda, segundo Kenneth Sacks, “dos três escritores anteriores a Políbio que também criticaram Timeu, o mais famoso é, de longe, Polemão Periegeta, autor do começo do século II a.C. de uma obra intitulada *Pros Timaion (Contra Timeu)*.”¹¹ Os outros dois são Istros e Demétrio de Scépsis.

Timeu sobreviveu em boa medida por meio do olhar de Políbio. O propósito deste autor era mostrar, por meio da obra daquele, “como não escrever a história”. Portanto, os ataques inserem-se numa discussão, sobretudo, sobre o método histórico. O Livro 12 de Políbio representa, segundo Baron¹², uma das poucas discussões sobre método histórico da Antiguidade. E os ataques de Políbio foram a um historiador que havia escrito por volta de um século antes dele. Uma parte dos pesquisadores que estudaram os ataques específicos de Políbio a Timeu tenderam a se concentrar em responder se eles eram justificados ou não.

A escrita da história de Timeu foi, portanto, bastante criticada por Políbio.¹³ Para o historiador de Megalópolis, o historiador de Tauromênio não praticou a autópsia (Plb.12.27-28) ou o conhecimento pessoal das regiões tratadas (Plb.12.3-4) e não tinha experiência política (Plb.12.25f-g), negligenciando a parte mais importante da escrita da história: a investigação (*to peri tas anakriseis meros*) e possuía uma confiança excessiva em fontes escritas (Plb.12.25e). Políbio argumentou que “toda a pesquisa em biblioteca no mundo não pode compensar a falta da experiência pessoal em ver lugares e testemunhar eventos.”¹⁴

Políbio dirigiu contra Timeu palavras duras sobre a invenção de sentenças retiradas puramente de sua imaginação.¹⁵ Segundo Políbio, “devemos levantar

⁹ Angelucci 2011: 341.

¹⁰ Conforme Baron (2013: 54), “Embora Justino nunca mencione Timeu pelo nome, as similaridades entre algumas partes de sua narrativa siciliana e fragmentos explicitamente atestados mostram que Pompeu Trogo usou Timeu para a sua *Philippica*.”

¹¹ Sacks 1981: 61.

¹² Baron 2009: 3.

¹³ Green 2006: 19.

¹⁴ Baron 2009: 9.

¹⁵ Baron 2013: 58.

sérias dúvidas a respeito do caráter de Timeu”, já que o mesmo fazia parte do grupo dos homens “cegos mesmo com os olhos abertos”.¹⁶ Timeu foi acusado de ter apresentado intencionalmente algumas afirmações falsas, o que revelaria a sua falta como historiador:

Pode qualquer um que leia estes discursos notar que Timeu relatou-os falsamente em seu trabalho e fez isso deliberadamente? Pois, ele não registrou as palavras proferidas nem o sentido do que realmente foi dito, mas tendo decidido quanto ao que deveria ter sido dito, ele reconta todos estes discursos e tudo mais que acompanha os eventos como um homem em uma escola de retórica tentando falar sobre um determinado assunto, mostra seu poder de oratória, mas não dá notícia do que foi realmente dito. (Plb.12.25a)

O teor da crítica a Timeu diz muito também da dívida teórica que Políbio tinha com o antecessor. Timeu foi o primeiro historiador grego a tratar de Roma, que começou a despertar a atenção do mundo helênico após a vitória sobre Pirro (275 a.C.). No prólogo, Políbio atrelou a própria narrativa às de dois antecessores, assim inserindo-se na ininterrupta tradição historiográfica grega que reconhecia Homero como ponto de partida: a de Arato (1.3.2), com relação aos gregos, e a de Timeu (1.5.1), com relação aos romanos. Políbio também se serviu do sistema de contagem de anos por olimpíadas, elaborado por Timeu, conjugando-o quando possível à contagem romana pelo nome dos cônsules.¹⁷

Políbio era um historiador muito mais competente do que Timeu e, portanto, sua sagacidade revelou a incompetência do historiador de Tauromênio? Políbio, criticando especialmente Timeu na parte de sua obra consagrada a um “debate historiográfico”, usou este autor como um espelho cheio de distorções que refletia mais a si próprio do que Timeu? Políbio fez de Timeu um espantalho para melhor evidenciar sua *pragmatike historia* e, com isso, rebaixar um “inimigo” e elevar, conscientemente, a si próprio como o grande historiador de Roma? Sobre esta última tendência, Collingwood lembra-nos que

nenhum pensador ou escritor competente perde o seu tempo a atacar um espantalho. Uma polêmica intensa contra certa doutrina é um sinal infalível de que a doutrina em questão se faz sentir fortemente no mundo do escritor e exerce, mesmo sobre ele, uma poderosa atração.¹⁸

O Livro XII de Políbio, portanto, estabelece uma polêmica aguda com o historiador Timeu ao se remeter à questão: qual é o ofício do historiador nos

¹⁶ Walbank 1990: 34.

¹⁷ Sebastiani 2016: 35.

¹⁸ Collingwood 1946: 21-22.

séculos que testemunham a queda do poder das poleis gregas e o avanço do poderio universal romano?

2. OS TEMPOS HISTÓRICOS E A QUESTÃO DA RECEPÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE TIMEU

Os historiadores modernos posicionam-se diante desta polêmica antiga. Os estudos mais típicos dentro da historiografia moderna tendem a compartilhar da conclusão de Políbio a respeito de Timeu. Este parece ser o caso de historiadores como George Law Cawkwell, Lionel Pearson, Felix Jacoby (*Quellenkritik*) e Frank W. Walbank. Numa outra vertente, historiadores como Christopher Baron, Guido Schepens, Riccardo Vattuone e Hansulrich Labuske centram-se na tese de que houve uma distorção de Timeu na obra de Políbio, e as de autores como Paul Pédech que acreditam que houve ali uma má compreensão de Timeu e do contexto histórico de seu método.

É provável que uma das obras mais importantes que procuraram investigar o método de Timeu seja *Timaeus of Tauromenium and Hellenistic Historiography*, de Christopher Baron. Este livro pretendeu demonstrar que tanto a natureza das evidências quanto os pressupostos modernos sobre a escrita da história no Período Helenístico têm distorcido o tratamento e julgamento de historiadores perdidos e de textos fragmentários. Se grande parte do que se sabe sobre Timeu está preservada no contexto polêmico do livro 12 de Políbio, quando se move para fora desse quadro e se examina os fragmentos de Timeu em seu próprio contexto, obtém-se uma melhor posição para a avaliação de seu método e de suas realizações, incluindo o seu uso de invectivas polêmicas e sua composição de discursos. Além de prover uma base para a reavaliação da escrita histórica grega no Período Helenístico, usando Timeu como um estudo de caso, a obra de Baron estabelece uma sólida abordagem metodológica para o estudo de textos fragmentários.

Outra crítica de Políbio a Timeu refere-se ao conteúdo histórico de suas obras. Segundo Políbio, as histórias escritas por Timeu eram de menor importância para os destinos do mundo mediterrâneo. Entretanto, uma análise mais atenta e acurada dos acontecimentos políticos e sociais da época de Timeu, trabalho já iniciado nesta obra de Baron, demonstra que esta acusação não tem fundamento. Tal análise expressa o quanto os temas de suas obras eram relevantes e dignos de nota, pois tangenciavam acontecimentos importantes para o destino da história política do Mediterrâneo *daquele momento*. Um exemplo desta relevância pode ser verificado pelas relações travadas entre o tirano de Siracusa (Agátocles), o rei do Épiro (Pirro) e o rei da Macedônia (Demétrio) e suas influências tanto na parte ocidental quanto oriental do Mediterrâneo, incluindo especialmente o mundo grego.¹⁹

¹⁹ Baron 2013.

A inovação metodológica de Baron – para além do estudo dos fragmentos de Timeu, fora do olhar polibiano – é a análise do contexto histórico em que as *histórias* do historiador de Tauromênio foram escritas; a análise dos acontecimentos políticos e sociais de sua época. Baron percebe que somente em tal perspectiva começar-se-ia a jogar luz e decodificar o significado da causticidade de Políbio. Portanto, para a elucidação e decifração da polêmica estabelecida pelo historiador de Megalópolis, o estudo do que significa escrever a História da Sicília/Pirro no contexto da primeira metade do século III a.C. é a contrapartida necessária ao estudo de “o que significa escrever história na Roma dos Emílio-Cipiões”.²⁰

Neste sentido, para além das posições historiográficas já estabelecidas – i. A concordância com as conclusões de Políbio a respeito de Timeu; ii. A distorção ou deturpação de Timeu por Políbio e sua transformação em um espantalho; iii. A incapacidade de Políbio de compreender Timeu e seu mundo – propomos outra via: a restituição de cada autor ao seu próprio *tempo histórico*²¹ evidenciando em quais aspectos a metodologia de Políbio distinguia-se e aproximava-se da de Timeu. É necessário que se analise qual é o método historiográfico de Políbio por meio de sua própria discursividade ao escrever suas histórias, ao anunciar o seu método e ao criticar seus predecessores. É necessário que se analise também qual é o método historiográfico de Timeu por meio dos fragmentos de sua escrita conservados em outros autores (como em Diodoro Sículo) e por meio das críticas positivas e negativas consagradas a sua obra por outros historiadores (não apenas por Políbio, mas também por Dioniso de Halicarnasso, Longino, Cícero, Diodoro Sículo, Plutarco, Gélio, Pompeu Trogo, Polemão Periegeta, Istros e Demétrio de Scépsis). Será necessário alargar o foco da análise para esta restituição dos métodos historiográficos timaico e polibiano aos seus próprios tempos históricos com a intenção de reler a polêmica que ronda o Livro XII de Políbio.

Para Koselleck (2006), o *tempo histórico*, ligando-se às ações sociais e políticas em seus ritmos próprios de realização, a seres humanos concretos, agentes e sofreadores, às instituições e organizações que dependem deles, coloca a questão maior de saber como, em cada presente, as dimensões temporais do passado e do futuro foram postas em relação. Apreende-se o tempo histórico ao se determinar em um dado presente a tensão/diferença entre passado e futuro, entre *campo de experiência* e *horizonte de expectativa*. O historiador alemão assim define estas categorias:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração

²⁰ Sebastiani 2016: 18.

²¹ Koselleck 2006; Reis 1996.

racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.²²

A temporalização é apreendida pela tensão entre estas duas dimensões temporais, posto que passado e futuro necessariamente remetem-se um ao outro.²³ É assim tanto para personagens, eventos e processos históricos quanto para o que é e não é legítimo no campo do processo da escrita da história. Na relação tensional entre passado, futuro e presente, Koselleck considera que *experiência e expectativa*

[...] são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.²⁴

Mas nossos dois conceitos não se encontram apenas na execução concreta da história, na medida em que a fazem avançar. Como categorias, eles fornecem as determinações formais que permitem que o nosso conhecimento histórico decifre essa execução. Eles remetem à temporalidade do homem, e com isto, de certa forma meta-historicamente, à temporalidade da história.²⁵

O ponto central da proposta historiográfica de Koselleck é, portanto, entender o movimento da ação política e social ao longo da história a partir da investigação dos modos como os homens relacionaram concretamente em seu presente a dimensão de sua experiência passada com suas expectativas de futuro. A história concreta pode ocorrer na medida em que os homens que a fazem sofrem a tensão entre suas experiências e determinadas expectativas. Assim,

essa concepção hermenêutica de significação do tempo histórico que conecta passado, presente e futuro em uma relação em constante mutação, além de

²² Koselleck 2006: 309-310.

²³ Reis 2011: 18.

²⁴ Koselleck 2006: 308.

²⁵ Koselleck 2006: 309.

sugerir que a verdade dos fatos históricos é linguisticamente situada, também aponta para uma dinâmica das expressões linguísticas que é dependente dos acontecimentos concretos. Ou seja, os acontecimentos concretos – guerras, alianças, cataclismos, pestes, etc. – são experimentados pelos indivíduos de tal forma que estes redefinem suas próprias concepções linguísticas sobre esta mesma experiência.²⁶ Essa é a relação entre discurso e ação que Koselleck coloca no centro de seu método de investigação histórica.²⁷

Se a temporalização é apreendida pelo diferencial ou tensão entre passado e futuro em cada presente, logicamente, as críticas de Políbio ao método histórico de um antecessor são reflexões que partem de um tempo histórico que não se equivale mais ao daquele antecessor criticado. A tensão entre campo de experiência e horizonte de expectativa produzem, em cada presente, diferentes escritas da história. Truísmo: Timeu faz parte do espaço de experiência de Políbio. Este recebe aquele em sua obra pressionado por um novo horizonte de expectativa: Timeu é o exemplo de *como não escrever a história!* Se a história é sempre de experiências vividas e de esperas dos homens que agem e sofrem, creio que uma análise neste sentido poderá esclarecer elementos cruciais do debate metodológico envolvendo Políbio e Timeu, no qual Políbio, embora seguidor de alguns aspectos da tradição historiográfica de Timeu, diz renegar o historiador de Tauromênio no todo.

A investigação das tensões entre passado e futuro sob as quais foram elaborados e praticados os métodos de cada historiador (de Timeu e de Políbio) é importante porque as condições sociais, políticas e culturais da segunda metade do século II a.C., momento em que Políbio escreve, determinam ou consolidam tensões temporais que seguramente não são as mesmas da primeira metade do século III a.C., momento em que Timeu escreve. Na segunda metade do século II a.C., sofreram mutações o campo de experiência e o horizonte de expectativa, tanto de Políbio enquanto indivíduo quanto de seu mundo político e sociocultural: as relações internacionais são outras e Políbio, diferentemente de Timeu, dizia-se um homem de ação no mundo romano.

Há indicações, por exemplo, de que, no período em que Políbio escreve, a história era muito mais politicamente útil do que nunca fora antes. Não por acaso – em contraste com os historiadores gregos do passado, cujo ofício não lhes garantia nenhum benefício social, sendo alguns deles inclusive expatriados ou exilados, como Heródoto, Tucídides e Timeu – Políbio e os historiadores romanos faziam parte da elite dominante. Sendo um homem culto, Políbio, tendo sido levado a Roma, fez amizade com os Cipiões e tornou-se preceptor de Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano, seguindo-o em suas conquistas.

²⁶ Jasmin 2005; Koselleck 1992.

²⁷ Vizeu; Matitz 2011: 4.

Apoiam esta conclusão da importância política da história, os maiores contatos e disputas entre as várias partes do mundo conhecido, de oeste a leste e de norte a sul do Mediterrâneo e de outras partes do oriente (contatos precipuamente alargados após o império alexandrino), e a emergente hegemonia de Roma neste contexto mais universalizante. Esta evidência tem logicamente uma profunda relação com a forte necessidade de Políbio de proclamar seu método como *pragmatike historia*, o qual se enquadra na lógica de uma história talvez não necessariamente *mais politicamente engajada*, em comparação a, por exemplo, Tucídides, mas certamente *refém de um poder político*. Embora Políbio tenha se afeiçoado à Constituição Romana e ao próprio modo de vida romano, exercendo cargos políticos e militares em nome do seu expansionismo, ele era um grego que fora exilado por conta deste mesmo processo de expansão, o qual se dedicou a narrar. Quando pôde regressar à Grécia, dadas as suas ligações com a elite romana, dedicou-se a tentar amenizar a dureza do jugo romano sobre as cidades gregas. Roma confiou-lhe a missão de introduzir em sua terra natal a lei romana, uma tarefa extremamente difícil e delicada. Tais condições têm muito a revelar sobre suas expectativas a respeito do futuro de Roma, da Grécia, do processo de universalização em curso e de como escrever a história.

Na perspectiva de uma análise da recepção sob a ótica dos tempos históricos, são de suma relevância os resultados do estudo do conceito de *Historia Magistra Vitae*²⁸. Cícero registra com esta expressão a ideia de que o estudo do passado serve de lição para o futuro. Esta caracterização da história como *exempla* predominou na historiografia clássica, medieval e renascentista, tendo o seu declínio iniciado por volta do século XIX, sendo considerada naquele momento já um velho *topos* sendo diluído na história em movimento que caracteriza a época moderna. Os grandes criadores e primeiros propagadores desta perspectiva da história, até onde os registros podem nos provar, foram primeiro Tucídides, seguido por Políbio. A popularização desta característica da historiografia grega no ocidente cristão por meio do latim e da perspectiva de Cícero é um passo que por si só já demanda uma investigação da recepção desta característica originalmente grega em Cícero e no mundo pós-clássico. De fato, esta expressão

orientou, ao longo dos séculos, a maneira como os historiadores compreenderam o seu objeto, ou até mesmo a sua produção. (...) qualquer que seja o ensinamento que subjaz a nossa fórmula, há algo que sua utilização indica de modo inegável. Seu uso remete a uma possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico

²⁸ Cf. Cic. De Orat., 2.36; Koselleck, 2006: 41-60.

de validade geral. A história pode conduzir ao relativo aperfeiçoamento moral ou intelectual de seus contemporâneos e de seus pósteros, mas somente se e enquanto os pressupostos para tal forem basicamente os mesmos.²⁹

Esta característica longeva da percepção do significado da história remete-nos mais uma vez à importância crucial das categorias meta-históricas *experiência* e *expectativa* na compreensão dos processos históricos e literários da recepção. A forte tendência de Políbio a considerar a sua história como *exempla* para seus leitores e para a posteridade é tanto (mais) um elemento da tensão passado/futuro em seu presente quanto uma nova circunstância que nos elucida algo importante sobre a sua recepção de Timeu.

A ‘temporalização da história,’ nos termos de Koselleck, criou uma consciência das características específicas do tempo e, desse modo, levou a uma ênfase na individualidade ou mesmo autonomia das épocas. Uma das consequências disto é o questionamento do *topos* da *Historia Magistra Vitae*. Enquanto o uso exemplar do passado não desapareceu completamente na era moderna, a singularidade das épocas torna as justaposições diretas de diferentes eventos bastante problemáticas e se tais justaposições querem reivindicar alguma plausibilidade, elas têm que ter em conta e pesar cuidadosamente as configurações culturais dos eventos que são comparados uns com os outros.³⁰

Hardwick considera que “os estudos de recepção, portanto, preocupam-se não somente com textos individuais e a relação entre eles, mas também com os processos culturais mais amplos que dão forma e configuração àqueles relacionamentos” (2003: 5). A tensão provocada pelo diferencial continuamente mutável entre *experiência* e *expectativa* em cada presente, razão da singularidade temporal das épocas, por estar em relação dialética com *os processos culturais mais amplos*, proporciona um instrumento de análise que dilata a apreensão do ato da recepção.

Se a palavra “recepção foi escolhida para o lugar de palavras como ‘tradição’ ou ‘herança’ precisamente para enfatizar o papel *ativo* desempenhado pelos receptores” e se ela “envolve o reconhecimento de que o passado e o presente estão sempre mutuamente implicados”³¹, as categorias meta-históricas que revelam os tempos históricos chancelam esta interdependência temporal entre o passado (ou o espaço de experiência) e o presente e acrescentam uma terceira dimensão temporal, o futuro (ou o horizonte de expectativa), ampliando o escopo da análise do papel do receptor.

Se Timeu fazia parte do *espaço de experiência* de Políbio, este, por sua vez, só pôde escrever o que escreveu sobre aquele sob a aura de um específico *horizonte*

²⁹ Koselleck 2006: 42-43.

³⁰ Grethlein 2014.

³¹ Martindale 2006: 11-12.

de expectativa: o daquele que, na iminência de um mundo grego dominado e dependente, preferiu contar a história da reluzente constituição política e das glórias bélicas de um povo que o acolheu e para o qual prognosticava o domínio de todo o mundo conhecido sob o prenúncio de um instigante e avassalador movimento de universalização. Neste contexto, o futuro (e a escrita da história) pertencia aos homens de ação, não aos de biblioteca; pertencia aos homens do *front*, não aos sentados em Atenas. Pode-se tentar compreender melhor a recepção da experiência de Timeu em Políbio se se observa atentamente o olhar deste para o futuro antecipado. Foi esta expectativa que delineou a maior parte daquilo que nós modernos podemos esquadriñar e avaliar para conjecturar o que deve ter sido a experiência historiográfica de Timeu. É no atrito entre seu passado e seu futuro que o historiador de Megalópolis faz a recepção do historiador de Tauromênio.

A temporalização que revela a completude dos relacionamentos históricos e os significados das recepções deve incluir as relações entre todas as dimensões do tempo: passado, presente e futuro. Como os indivíduos são múltiplos e as sociedades são múltiplas, decorre que os presentes são múltiplos e, portanto, múltiplos também são os tempos históricos:

A reflexão sobre o tempo histórico é feita através dos conceitos que analisam e interpretam as ações e intenções de sujeitos coletivos e singulares. O tempo histórico perde a continuidade, homogeneidade e linearidade conferidas pelo tempo-calendário, pois sua referência não é mais apenas o número dos movimentos objetivos, mas as relações de dependência, reciprocidade e descontinuidade das mudanças políticas e sociais. Ele se torna intrínseco à experiência vivida das sociedades particulares, i.e., sua relação particular ao seu passado e ao seu futuro antecipado. Assim, não se pode falar de um tempo histórico único, mas de tempos históricos plurais, como são plurais as sociedades. Pode-se falar de tempos históricos heterogêneos, com mudanças e direções não lineares. As sociedades se relacionam diferentemente, em cada época, ao seu próprio passado e ao seu futuro. Isto é: uma sociedade pode mudar de perspectiva em relação a si mesma, pode resgatar passados esquecidos, esquecer passados sempre presentes, abandonar projetos, propor outras esperas. A história se torna plenamente uma “ciência dos homens no tempo”, porque passa a incluir também o futuro em sua perspectiva. Aliás, o objetivo das sociedades é construir a ação que as levará ao futuro, que irá realizar as suas metas. Elas não podem atingi-las apenas do presente para o futuro e precisam fazer um “recuo estratégico” ao passado.³²

Com esta abordagem da recepção que leve em consideração os tempos históricos, esta ciência dos homens no tempo, pode-se evitar, nos termos de Hardwick

³² Reis 2011:19-20.

e Stray³³, (i) a divisão artificial comum no interior dos Estudos Clássicos entre ‘processos de recepção’ e ‘análise dos próprios textos e contextos clássicos’, e, em particular, (ii) a negação das relações dialógicas entre ‘recepção’ e ‘análise dos contextos antigos’.

Certamente, também uma análise que compare as partes das duras críticas de Políbio a Timeu e as partes em que o historiador de Megalópolis confere valor positivo ao método historiográfico do historiador de Tauromênio deve indicar outra chave que explique não somente o significado de Timeu em Políbio, mas, sobretudo, o que é legítimo e pertinente dizer a respeito de ambos os métodos.

O campo teórico-metodológico denominado Estudos de Recepção Clássica (Classical Reception Studies)³⁴ aborda as perspectivas nas quais as obras clássicas foram recebidas nas sociedades pós-clássicas ou na própria sociedade clássica, como é o caso da recepção de Timeu em Políbio. Eles são um ramo dos Estudos de Recepção (Reception Studies)³⁵, os quais absorveram as influências do campo literário da Teoria da Recepção (Reception Theory)³⁶. Este campo de pesquisas em recepção clássica emergiu na erudição do mundo de fala anglofônica, especialmente na Inglaterra.

A ‘recepção’, neste sentido, conforme Hardwick e Stray, é devotada à investigação das formas pelas quais o material grego e romano (textos, ideias, mitos, cultura material e visual) tem sido transmitido, traduzido, interpretado, extraído, reescrito, reorganizado, reimaginado, reanalisado e representado ao longo da história.³⁷ Portanto, os Estudos de Recepção Clássica possuem uma percepção multidisciplinar inovadora em relação à agenda da chamada *tradição clássica* (The Classical Tradition)³⁸, que se ocupava especialmente em reafirmar o inestimável valor da Antiguidade no decorrer da história ocidental. O termo *recepção clássica* foi cunhado em finais da década de 1990 sob a inspiração de uma operação no campo literário que, desde a década de 1960, não mais consideram os trabalhos literários como tendo um valor imanente, mas como sendo ‘recebidos’, como objetos de uma ‘reapropriação’.

A relação que se estabelece aqui entre *Estudos de Recepção* e *Tempos Históricos* (*Historischer Zeiten*) não é fortuita, acidental ou aventureira. A proposta de Koselleck é a abordagem dos Tempos Históricos (o diferencial específico de cada presente engendrado pela tensão ininterrupta entre espaços de experiência e horizontes de expectativa) no plano linguístico, por meio de

³³ Hardwick & Stray 2008: 4.

³⁴ Cf. Martindale 1993; Hardwick 2003; Martindale & Thomas 2006; Hardwick & Stray 2008; De Pourcq 2012.

³⁵ Cf. Martindale 2007.

³⁶ Cf. Jauss 1970; Jauss 1982; Martindale 2006; Batstone 2006; Souza 2011.

³⁷ Hardwick & Stray 2008: 1.

³⁸ Cf. De Pourcq 2012; Kallendorf 2007.

sua História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*): uma semântica dos conceitos históricos que investiga a constituição linguística de experiências do tempo na realidade passada. Esta abordagem semântica não implica um interesse puramente histórico-linguístico ou apenas uma busca pelos diversos significados históricos dos termos. A História dos Conceitos tem por objetivo apreender a experiência humana expressa na linguagem. As categorias meta-históricas definidas por Koselleck revertem-se num instrumento adequado para a análise e a explicação da dimensão da ação humana.

Deste modo, revela-se uma interpenetração entre a História dos Conceitos, a História Intelectual e a História Social. Esta interpenetração se dá em diversos níveis. De fato, as investigações dos usos e significados dos conceitos sociopolíticos trazem à tona os conflitos, as tensões, os apaziguamentos, as permanências, as mudanças e as projeções de futuro contidos em determinada situação histórica. A abordagem semântica, portanto, abre novas perspectivas para o estudo da história social e intelectual, fornecendo indícios das relações entre grupos sociais por meio da investigação das *lutas semânticas* travadas neste domínio. Sobre a extração de significados históricos a partir da temporalização, Koselleck afirma que “todo evento histórico possui qualidades temporais, tanto em seu desenvolvimento quanto em sua recepção: duração, trajetórias, aceleração etc.”³⁹

Termos e expressões como *autopsia*, *pragmatike historia*, *pragmatikos tropos*, *kath' holou*, *aitia*, *prophasis*, *arche*, *anakyklosis*, *somatoeide*, *cheirokratia*, *oikoumene*, *to peri tas anakriseis meros* compõem a estrutura semântica que sinaliza a temporalização no método histórico polibiano. São termos que registram, mediante as mudanças históricas, a tensão temporal no presente da escrita de sua obra. Sobre a expressão *anakyklosis*, por exemplo, Koselleck informa-nos que

Segundo a doutrina antiga, havia um número limitado de formas constitucionais, que substituíam alternadamente umas às outras, mas que, de acordo com sua natureza, jamais poderiam ser ultrapassadas por outras formas. Trata-se dos tipos constitucionais ainda correntes entre nós e de suas formas decadentes, que se seguem umas às outras de maneira quase obrigatória. Haréau cita Louis LeRoy como testemunha esquecida desse mundo passado. Para LeRoy, a primeira dentre todas as formas de governo era a monarquia, a qual, uma vez transmutada em tirania, era dissolvida pela aristocracia. Segue-se o conhecido esquema, segundo o qual a aristocracia transforma-se em oligarquia, deposta a seguir por uma democracia, a qual, por fim, degenera na forma decadente de uma oclocracia, dominação pelas massas. Nesse ponto ninguém mais governa de fato, e o caminho para a dominação por um único indivíduo encontra-se novamente livre. Inicia-se

³⁹ Koselleck 2006: 343.

novamente o velho círculo. Trata-se aqui de um modelo de revolução que, em grego, foi compreendido como *metabole ton politeion* ou como *anakyklosis ton politeion* e que se nutria da experiência de que toda a forma de convivência política é, por fim, limitada. Cada mudança conduz a uma forma de governo já conhecida, sob a qual os homens são obrigados a viver. Seria impossível romper esse círculo natural.⁴⁰

No caso da literatura, a *reception turn* da segunda metade do século XX está associada à ascensão da Reception Theory e a dois teóricos alemães em particular, Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser. A feição mais distintiva desta teoria é a preocupação com o *erwartungshorizont* (horizonte de expectativa), cujo argumento era o de que “as diferentes expectativas de diversos leitores frente a um texto formatam os diversos modos pelos quais o dado texto é entendido”.⁴¹ No caso da filosofia alemã, ‘horizonte’ é uma de suas metáforas tradicionais, transmitida de Edmund Husserl a seu estudante Martin Heidegger, deste a seu estudante Hans-Georg Gadamer e deste a seu estudante Wolfgang Iser.⁴² A filosofia de Heidegger e a estética da recepção de Jauss foram algumas das inspirações para a *Begriffsgeschichte* praticada por Koselleck.⁴³

3. CONCLUSÃO

A metodologia proposta pela conjugação entre Tempos Históricos (*Historischer Zeiten*) e História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) reafirma e amplia consideravelmente o potencial investigativo dos métodos em pleno florescimento dos Estudos de Recepção Clássica, redimensionando o papel ativo do receptor ao abordá-lo pela perspectiva da tensão temporal – o diferencial entre *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. Consideramos que a análise da recepção de um método historiográfico ganhará em rigor e potencial crítico se vinculada à investigação dos conceitos que cristalizam as tensões temporais que, por estarem em relação dialética com os processos culturais mais amplos, condicionam a própria construção dos métodos historiográficos.

Se, por um lado, há um parentesco entre estes campos teóricos, o que alinha e compatibiliza suas proposições, por outro, a dimensão temporal do futuro, enquanto categoria histórica desenvolvida por Koselleck (*futuros passados*), temporaliza o momento da recepção. A tensão provocada pelo diferencial continuamente mutável entre *experiência* e *expectativa*, ou o abarcamento do tempo histórico, o que remete à singularidade das épocas, é não somente uma

⁴⁰ Koselleck 2006: 63-64.

⁴¹ Burke 2013: 24.

⁴² Burke 2013: 24.

⁴³ Burke 2013: 26.

das bases mais concretas e influentes do desenvolvimento de *processos culturais amplos*, como também uma chave de análise que possibilita e amplia a apreensão deste enfoque de recepção.

Enfim, empreender um estudo da recepção do método historiográfico de Timeu no Livro XII de Políbio a partir da conjugação destes dois campos teórico-metodológicos – os Estudos de Recepção Clássica e os Tempos Históricos – significará responder de que forma o método de Políbio distinguiu-se e aproximava-se do de Timeu em função de cada futuro passado (*Vergangene Zukunft*). Este modo de abordar a questão deve possibilitar uma reavaliação das posições historiográficas modernas sobre o Livro XII e de toda a polêmica a seu respeito.

BIBLIOGRAFIA

A. AUTORES ANTIGOS

- Cicero (1967), *De Oratore*. vol. I, books I-II. Loeb Classical Library. Translated by E. W. Sutton. Loeb Classical Library. Cambridge, London.
- Cicero (1958), *The letters to his friends. (Epistularum ad Familiares)*. vol. I, books I-VI. Translated by W. Glynn Williams. Loeb Classical Library. Cambridge, London.
- Diodorus Siculus (1967), *Library of History*. vol. II, books II (continued) 35-IV, 58. Translated by C. H. Oldfather. Loeb Classical Library. Cambridge, London.
- Diodorus Siculus (1939), *Library of History*. vol. III, books 4.59-8. Translated by C. H. Oldfather. Loeb Classical Library. Cambridge, London.
- Diodorus Siculus (1950), *Library of History*. vol. V, books 12.41-13. Translated by C. H. Oldfather. Loeb Classical Library. Cambridge, London.
- Dionysius of Halicarnassus (1960), *Roman antiquity*. vol. 1, books 1-2. Translated by Earnest Cary. Loeb Classical Library. Cambridge, London.
- Gellius (1927), *Attic Nights*. vol. I. books 1-5. Translated by John C. Rolfe. Loeb Classical Library. Cambridge, London.
- Jacoby, Felix. (2016), *Timaíos von Tauromenion (566)*. In: Id. (ed.). *Die fragmente der Griechischen Historiker*. Part I-III, Brill Online.
- Justin (2012), *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*. Two Volumes. Translated by: J. C. Yardley. London.
- Longinus (1995), *On the sublime*. Translated by W. H. Fyfe. Loeb Classical Library. Cambridge.
- Plutarch (1918), *Lives*. vol. VI. *Timoleon and Aemilius Paulus*. Translated by Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library. London, New York.
- Políbio (2016), *História Pragmática. Livros I a V*. Tradução, Introdução e Notas: Breno Battistin Sebastiani. São Paulo.
- Polybii (2012), *Historiae*. vol. 3. Ludwig August Dindorf; Theodorus Büttner-Wobst; Ludwig August Polybius. Bibliotheca Scriptorvm Graecorvm et Romanorvm Tevberiana.
- Polybii (1967-95), *Historiae*. Ed. Th. Büttner-Wobst. 5 vols. Lipsiae.
- Polibius (1925), *The Histories*. vol. IV, books IX-XV. Loeb Classical Library. London, New York.
- Polybe (1961), *Histoires. livre XII*. Texte établi, traduit et commenté par P. Pédech, Paris.

B. BIBLIOGRAFIA MODERNA

- Angelucci, Mariachiara (2011), “Polemon’s contribution to the periegetic literature of the II century B.C”. *ῥπου - Ricerche di Storia Antica* 3: 326-41.
- Baron, Christopher A. (2013), *Timaeus of Tauromenium and Hellenistic Historiography*. New York.
- Burke, Peter (2013), “The history and theory of reception”, in: Lloyd, Howell A. (ed.). *The reception of Bodin*. Leiden and Boston, 21-37.
- Collingwood, R. G. (1946), *The idea of history*. New York.
- De Pourq, Maarten (2012), “Classical Reception Studies: reconceptualizing the study of classical tradition”, in *The International Journal of the Humanities* 9, 4: 219-26.
- Green, Peter (2006), *Diodorus Siculus. Books 11-12.37.1. Greek History, 480-431 BC. The Alternativa version*. Austin.
- Grethlein, Jonas (2010), “Experientiality and “narrative reference”, with thanks to Thucydides”, in *H&T* 49: 315-335.
- (2013), *Experience and teleology in ancient historiography: futures past from Herodotus to Augustine*. Cambridge.
- (2014), “Future past: time and teleology in (ancient) historiography”, *H&T* 53: 309-330.
- Hardwick, Lorna (2003), *Reception Studies, Greece and Rome New Surveys in the Classics* 33, Oxford.
- Hardwick, Lorna; Stray, Christopher (eds.) (2008), *A companion to Classical Receptions*. Oxford.
- Jauss, Hans Robert (2005), “Literary History as a Challenge to Literary Theory”, in: Jauss, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. Tr. T. Bahti. Minneapolis, 3-45.
- Kallendorf, Craig W. (ed.). (2007), *A Companion to the Classical Tradition*. Oxford.
- Koselleck, Reinhart. (2006), *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro.
- (2002), *The Practice of Conceptual History: Timing History, Spacing Concepts*. Stanford.
- Labuske, H. (1982), “Geschichtsschreibung im Hellenismus: Polibios und seine konkurrenten”, *Klio* 66: 479-487.
- Liddel, Peter; Fear, Andrew. (eds.) (2010), *Historiae Mundi: Studies in Universal Historiography*. London.
- Martindale, Charles. (2006), “Introduction: thinking through reception”, in: Martindale, Charles; Thomas, Richard F. (ed.). *Classics and the uses of*

- reception*. Oxford, 1-13.
- (2007), “Reception”, in: Kallendorf, Craig W. (ed.). *A Companion to the Classical Tradition*. Oxford.
- (1993), *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge.
- Martindale, Charles; Hardwick, Lorna. (2015), “Reception”, in *Oxford Classical Dictionary*. <http://classics.oxfordre.com/> DOI: 10.1093/acrefore/9780199381135.013.5507.
- Meister, K. (1998), *La storiografia greca. Dalle origini alla fine dell'ellenismo*. Roma; Bari.
- Pearson, Lionel. (1987), *The Greek Historians of the West: Timaeus and his predecessors*. Atlanta.
- Pédech, Paul (1964), *La Méthode Historique de Polybe*. Paris.
- Reis, José Carlos (1996), “O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e Annales: uma articulação possível”, in *Síntese Nova Fase* 23, 73: 229-252.
- (2011), “O tempo histórico como ‘representação intelectual’”. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais* 8, 2:1-21.
- Sacks, Kenneth (1981), *Polybius on the Writing of History*. Berkeley, Los Angeles, London.
- Sant’Anna, Henrique Modanez de (2012), “Políbio e os princípios de sua investigação histórica - algumas considerações”, *Revista Mundo Antigo* 1, 2: 141-53.
- Schepens, Guido. (1994), “Politics and belief in Timaeus of Tauromenium”, *Ancient society* 25: 249-78.
- Sebastiani, Breno Battistin (2016), “Introdução”, in: Políbio *História Pragmática. Livros I a V*. São Paulo.
- (2008), “Políbio contra Timeu, ou o Direito de Criticar”, *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica* 2: 6-25.
- Schepens, Guido; Bollansée, Jan. (eds.). *The Shadow of Polybius: Intertextuality as a Research Tool in Greek Historiography. Proceedings of the International Colloquium, Leuven, 21-22 September 2001*.
- Souza, Jefferson Cleiton de (2011), *A nova hermenêutica e a teoria da recepção em Jauss e Ricoeur*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Vattuone, Riccardo (1983), *Ricerche su Timeo: la ‘pueritia’ di Agatocle*. Florence.
- Vizeu, Fabio; Mattiz, Queila Regina Souza (2011), “Contribuições da História dos Conceitos (Begriffsgeschichte) para os Estudos Organizacionais”, in *XXXV Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2011*.

Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR2305.pdf>.
Acesso em: 17 de fevereiro de 2016.

Walbank, Frank W. (1967), *A historical commentary on Polybius. vol. II. Commentary on Books VII–XVIII*. Oxford.

——— (1962), “Polemic on Polybius”, in *Journal of Roman Studies* 52: 1-12.

——— (1972), *Polybius*. Los Angeles and London.

——— “Polybius and the Roman State”, A lecture delivered at Duke University on May 5th, 1964, and at several other universities in the United States and Canada the same spring. Disponível em: <http://grbs.library.duke.edu/article/viewFile/11811/4073>. Acesso em: 28/01/2016.

——— (2003), *Polybius, Rome and the Hellenistic World - Essays and Reflections*. Cambridge.